

Vida de Maria (X): Magistério, Padres e Santos

O décimo capítulo da Vida de Maria é dedicado à fuga da Sagrada Família para o Egito, aos “meses de trabalho escondido e de sofrimento silencioso, com a nostalgia da casa abandonada”.

01/05/2011

A voz do Magistério

«Depois de terem adorado o Senhor e terem satisfeito a sua devoção, os

Magos, de acordo com o aviso recebido em sonhos, regressaram ao seu país por um caminho diferente daquele por onde tinham vindo. Acreditando já em Cristo, não tinham que ir, com efeito, pelo caminho da sua antiga vida, mas entrando na nova rota, abstêm-se dos erros que tinham abandonado. Era necessário invalidar as manobras de Herodes, que, sob o pretexto de zelo, preparava um engano ímpio sobre o Menino Jesus.

Por isso, ficando o seu plano desbaratado e a sua esperança iludida, a cólera do rei inflamou-se com ardor. Recordando a data que os Magos tinham indicado, derramou a raiva da sua crueldade sobre todas as crianças de Belém e numa matança geral fez perecer todos os recém-nascidos da cidade, fazendo-os passar para a glória eterna. Pensou que nenhuma criança tinha escapado da morte nesse lugar e, por isso, que

Cristo tinha também morrido. Mas Ele, que reservava para outro tempo a efusão do Seu sangue para a redenção do mundo, tinha fugido para o Egito, levado pelo cuidado dos Seus pais. Restaurava assim a antiga linhagem do povo hebreu e exercia o principado do verdadeiro José, usando de um poder e de uma providência muito maior que a sua, pois vinha libertar os corações dos egípcios de uma fome mais terrível do que toda a indigência, que eles sofriam pela ausência da verdade, já que Ele veio do Céu como verdadeiro pão de vida (cfr. *Jo* 6, 51). De modo que este país não seria já estranho à preparação do mistério da única vítima, onde, pela imolação do cordeiro, tinham sido prefigurados pela primeira vez o sinal salvador da cruz e a Páscoa do Senhor».

São Leão Magno, Papa (século V)

Homilia 3 na solenidade da Epifania.

«Tal como o agir, também o sofrimento faz parte da existência humana. Este deriva, por um lado, da nossa finitude e, por outro, do volume de culpa que se acumulou ao longo da história e, mesmo actualmente, cresce de modo irreprimível.

Certamente é preciso fazer tudo o possível para diminuir o sofrimento: impedir, na medida do possível, o sofrimento dos inocentes; amenizar as dores; ajudar a superar os sofrimentos psíquicos. Todos estes são deveres tanto da justiça como da caridade, que se inserem nas exigências fundamentais da existência cristã e de cada vida verdadeiramente humana. Na luta contra a dor física conseguiu-se realizar grandes progressos; mas o sofrimento dos inocentes e inclusive os sofrimentos psíquicos

aumentaram durante os últimos decénios.

Devemos – é verdade – fazer tudo por superar o sofrimento, mas eliminá-lo completamente do mundo não entra nas nossas possibilidades, simplesmente porque não podemos desfazer-nos da nossa finitude e porque nenhum de nós é capaz de eliminar o poder do mal, da culpa que – como constatámos – é fonte contínua de sofrimento. Isto só Deus o poderia fazer: só um Deus que pessoalmente entra na história fazendo-Se homem e sofre nela. Nós sabemos que este Deus existe e que por isso este poder que « tira os pecados do mundo » (*Jo 1,29*) está presente no mundo. Com a fé na existência deste poder, surgiu na história a esperança da cura do mundo».

Bento XVI (século XXI)

Carta encíclica *Spe salvi*, 30-XI-2007, n. 36.

A voz dos Padres

«Aparecido, pois, o anjo, fala não com Maria, mas com José, e diz-lhe: *Levanta-te e toma o Menino e Sua Mãe* (Mt 2, 13). Ao ouvir isto, José não se scandalizou nem disse: isto parece um enigma. Tu mesmo me dizias não há muito tempo que Ele salvaria o Seu povo, e agora não é capaz nem de Se salvar a Si mesmo, mas temos necessidade de fugir, de empreender uma viagem e uma longa deslocação. Isto é contrário à tua promessa. Mas não diz nada disto, porque José é um varão fiel. Também não pergunta pelo tempo do regresso, apesar de que o anjo o tenha deixado indeterminado, pois tinha-lhe dito: *e fica lá até que eu te avise* (*Ibid.*). No entanto, nem por isso entorpece, antes obedece, acredita e suporta alegremente todas as provas.

É bem verdade que Deus, que ama os homens, mistura dificuldades e doçuras, estilo que Ele segue com todos os santos. Nem os perigos nem os consolos no-los dá contínuos, antes de uns e outros vai Ele entretecendo a vida dos justos. Assim fez com José».

São João Crisóstomo (século IV)

Homilias sobre o Evangelho de São Mateus, 8, 3.

«Herodes teme, os magos desejam; estes desejam encontrar o Rei, aquele temeu perder o reino. Por último, todos O procuram: aqueles, para viver por Ele; o outro, porque quer dar-Lhe a morte; Herodes, para cometer um grande pecado contra Ele; os magos, para que lhes perdoe todos os seus. Herodes dá morte a muitas crianças com a intenção de matar um determinado, e enquanto

causa tão cruel e sangrenta matança nas pessoas de tantos inocentes, é ele o primeiro a causar a sua própria morte com tanta maldade.

Entretanto, o nosso Rei, a Palavra que ainda não fala, enquanto os magos O adoravam as crianças morriam por Ele, ou jazia deitado ou tomava o peito, e antes de falar encontrava crentes e antes de padecer fazia também mártires.

Oh crianças ditosas, recém-nascidas, nunca tentados, nunca forçados a lutar e já coroados! Duvide que fostes coroados, ao padecer por Cristo, quem pense que de nada serve às crianças o Baptismo de Cristo. Ainda não tínheis a idade para crer em Cristo, que havia de sofrer também a Sua paixão, mas tínheis carne em que padecê-la por Ele, que a sofreria posteriormente. De nenhum modo a graça do Salvador abandonaria estas crianças, o Menino que tinha vindo buscar o que se tinha perdido, não só

mediante o Seu nascimento, mas também suspenso da cruz. Quem pôde ter como pregoeiros do seu nascimento os anjos, como proclamadores os céus e como adoradores os magos, poderia conceder-lhes que não morressem aqui por Ele, se soubesse que com aquela morte iam perecer e não viver numa felicidade maior. Longe, longe de nós pensar que, vindo libertar os homens, Cristo não se preocupasse com a recompensa para aqueles que iam morrer por Ele que, pendente da cruz, orou inclusivamente pelos seus assassinos».

Santo Agostinho (séculos IV-V)

Sermão 373, 2-3.

«Que temes, Herodes, ao ouvir que nasceu um Rei? Ele não veio expulsar-te a ti, mas para vencer o

Maligno. Mas tu não entendes estas coisas e por isso perturbaste e enfureces-te, e, para que não escape o que procuras, mostras-te cruel, dando a morte a tantas crianças. Nem a dor das mães que gemem, nem o lamento dos pais pela morte dos seus filhos, nem o choro e os gemidos das crianças te fazem desistir do teu propósito. Matas o corpo das crianças, porque o temor te matou em ti o coração (...).

As crianças sem o saber, morrem por Cristo; os pais fazem luto pelos mártires. Cristo fez Suas dignas testemunhas os que ainda não podiam falar. É esta a maneira com que reina Aquele que veio para reinar. É assim que o Libertador concede liberdade e o Salvador dá a salvação... Oh! grande dom da graça! De quem são os merecimentos para que triunfem assim as crianças? Ainda não falam, e já confessam Cristo. Ainda não podem entabular

batalha, valendo-se dos seus próprios membros, e já conseguem a palma da vitória».

São Quodvultdeus (século V)

Sermão 2, sobre o Símbolo.

A voz dos santos

«Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo. Ao ouvir isto, o Rei Herodes ficou perturbado, e com ele toda a cidade de Jerusalém (Mt 2, 2-3).

Esta cena continua a repetir-se nos nossos dias. Perante a grandeza de Deus, perante a decisão – seriamente humana e profundamente cristã – de viver de modo coerente com a fé, há quem fique desconcertado, e mesmo quem se escandalize, sem nada entender. Dir-se-ia que não admitem a existência de outra realidade para além dos seus acanhados horizontes terrenos. Em face das manifestações de generosidade que observam no comportamento dos que ouviram o

chamamento do Senhor, sorriem com displicência, assustam-se, ou então - em casos que parecem verdadeiramente patológicos - obstinam-se em pôr obstáculos à santa determinação tomada por uma consciência com plena liberdade.

Já várias vezes tive oportunidade de assistir a essa espécie de mobilização geral contra quem se decide a dedicar toda a sua vida ao serviço de Deus e do próximo. Há pessoas que estão convencidas que o Senhor não pode escolher quem quer que seja sem lhes pedir primeiro autorização a eles; e de que o homem não tem inteira liberdade para aceitar ou recusar o Amor. Para quem pensa desse modo, a vida sobrenatural de cada alma é algo de secundário; julgam que se lhe deve prestar atenção, mas só depois de satisfeitos os pequenos comodismos e os egoísmos humanos (...).

Considerai o caso de Herodes. É um poderoso da terra e tem oportunidade de recorrer à colaboração dos sábios: *convocando todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Messias.* O poder e a ciência não o levam ao conhecimento de Deus. Para o seu coração empedernido, o poder e a ciência são instrumentos da maldade: o desejo inútil de aniquilar Deus, o desprezo pela vida de um punhado de crianças inocentes».

São Josemaria (século XX)

Cristo que passa, n. 33.

«Não nos entristecemos pela Sua morte, alegremo-nos, antes, porque receberam o prémio merecido. Quando eles morreram entre os tormentos, Raquel, ou seja, a Mãe Igreja, acompanhou-os com luto e

lágrimas. Mas a Jerusalém celestial, que é Mãe de todos nós, acolheu imediatamente com sinais de alegria os que tinham sido audazes na terra e introduziu-os na glória do Seu Senhor, para que recebessem d'Ele a coroa. Por este motivo, São João afirma que *"estavam diante do trono e diante do Cordeiro, revestidos com vestes brancas, com palmas nas suas mãos"* (Ap 7,9). Agora, coroados, estão de pé diante do trono de Deus os mesmos que antes jaziam, esmagados pelos sofrimentos, diante dos tribunais terrenos. Estão na presença do Cordeiro e não poderão ser excluídos, por motivo algum, da contemplação da Sua glória, do mesmo modo que aqui em baixo nenhum suplício pôde apartá-los do amor (...). "Por isso estão diante do trono de Deus e O servem de dia e de noite no Seu Templo" (Ap 7, 15).

Estar na presença de Deus, louvá-Lo sem interrupção, não é um serviço

custoso, é antes algo muito grato e desejável; a expressão "de dia e de noite" não significa propriamente sucessão no tempo, indica antes de modo simbólico a perpetuidade. Nos claustros de Cristo "já não existirá a noite" (Ap 21, 25), mas um dia único, mais feliz do que mil dias em qualquer outro lugar. Nesse dia, Raquel já não chorará pelos seus filhos, pois Deus "enxugará as lágrimas dos seus olhos" (Ap 7, 17); mas "há gritos de júbilo e de vitória nas tendas dos justos" (Sal 117, 15)».

São Beda o Venerável (séculos VII-VIII)

Homilia sobre os Santos Inocentes 1, 10.

A voz dos poetas

Desterrado parte o Menino,
e chora;

disse-lhe Sua Mãe assim,
e chora.

Calai, meu Senhor, agora.

Ouvi prantos de amargura,
pobreza, temor, tristura,
águas, ventos, noite escura,
com que vai Nossa Senhora,
e chora;

calai, meu Senhor, agora.

O desterro que sofreis
é a chave com que abris
ao mundo que redimis,
a cidade em que Deus mora
e chora;

calai, meu Senhor, agora.

Não pode ficar nisto;
morrereis, e não tão presto;
mas a cruz do serás posto
me trespassa desde agora,
e chora;

calai, meu Senhor, agora.

Calai-vos, minha luz é aviso,
pois que vosso Pai quis
que sejais do paraíso
Flor que nunca se desflora,
e chora;

calai, meu Senhor, agora.

Oh grande Rei de minhas entranhas,
como ides pelas montanhas,
fugindo para terras estranhas

da mão matadora!

e chora;

calai, meu Senhor, agora.

Vós tomais esta viagem
por guardar a homenagem
que fizeste à linhagem
da gente pecadora,
e chora;

calai, meu Senhor, agora.

Com seu Filho já fugindo,
já cansado, já temendo,
já tremendo, já correndo
atrás da fé, sua guia,
e chora;

calai, meu Senhor, agora.

Chora o Menino do látego,
da água e do desabrigo
com a Mãe, que é testemunha,
nossa luz que ilumina,
e chora;

calai, meu Senhor, agora.

Oh os que vão caminhando,
temendo e atrás mirando
se os ia já alcançando
a gente perseguidora!
E chora;

calai, meu Senhor, agora.

À Virgem sem mancha
a verde palma se humilha,
em sinal de maravilha,

que é do céu imperadora,
e chora;

calai, meu Senhor, agora.

Este frio não Vos fatigue,
nem Herodes, que vos persegue,
pelo grande bem que se segue
desta vida penosa,
e chora;

calai, meu Senhor, agora.

Pela ira herodiana
que sofreis, Filho, de gana,
dai a glória soberana
ao que tal desterro adora
e chora;

calai, meu Senhor, agora.

Estando o Menino nos seus braços,
faixazinha de retalhos,
desfizeram-se em mil pedaços
os ídolos a destempo
e chora;

calai, meu Senhor, agora.

¡Oh se soubesses, Egipto,
quanto já és bendito
pelo tesouro infinito
que hoje em ti se entesoura!

E chora;

calai, meu Senhor, agora.

Ambrósio de Montesino (século XV)

Cancionero.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/vida-de-maria-
x-magisterio-padres-santos-poetas/](https://opusdei.org/pt-pt/article/vida-de-maria-x-magisterio-padres-santos-poetas/)
(22/01/2026)